

## 2 Exílio: Uma Herança?

### 2.1 Ontem e Hoje

Durante vinte anos, o grande herói da Guerra de Tróia, Ulisses, percorreu terras e mundos para chegar até sua casa, em Ítaca. Sua longa jornada, repleta de obstáculos e perigos arquitetados por Poisêidon, é narrada nos versos da *Odisséia* de Homero. O temido deus do mar amaldiçoa o guerreiro por ter cegado seu filho, e o seu castigo é a dificuldade da volta ao lar<sup>1</sup>.

No dia primeiro de julho de 1997, no Aeroporto de Roma-Fiumicino, foi preso o filósofo italiano Antonio Negri, após passar quatorze anos no exílio na França. Negri foi considerado, em maio de 1978, cúmplice do assassinato de Aldo Moro, na época Presidente da Democracia Cristã. Moro era tido como um homem-chave da política italiana, segundo as pesquisas realizadas neste período, teria grandes chances de ser o futuro Presidente da República. Sentenciado à prisão a partir de uma busca policial que manteve em cárcere preventivo setenta pessoas, Negri foi acusado de ser um dos maiores fomentadores da “formação de um *habitat* natural para guerrilhas urbanas”<sup>2</sup>. Em 1983 este professor universitário, escritor e pensador político chega a Paris onde viveu e trabalhou por quase quinze anos.

A temática do exílio, que nos acompanha desde os remotos tempos da Antiguidade Clássica, continua bastante atual, e parece ser abordada constantemente. Longe de querer igualar ou até mesmo comparar os exemplos citados acima, a intenção aqui é chamar a atenção, não somente para a atualidade deste tema, mas também para um caso muito

---

<sup>1</sup> Cf. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Mario da Gama Cury (trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987. p. 362.

<sup>2</sup> Robert MAGGIORI. Toni Negri, o retorno do “diabo”. In: Toni NEGRI. *Exílio – seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001. Pp. 77 a 81. (grifo do autor)

específico de exílio, marcado pela impossibilidade da volta e não somente pelo motivo da partida<sup>3</sup>. O contraste entre a gloriosa saída de Ulisses e o trágico retorno, culmina com o seu triste fim, morto pelas mãos do próprio filho. O homem que deixa sua casa como um importante guerreiro, e respeitado cidadão de Atenas, depois de duas décadas volta disfarçado de mendigo, sem reconhecimento e glórias.

A *Maldição de Ulisses* reconhecida pela dificuldade de retorno ao lar parece encontrar na modernidade espelhos que a refletem. Não por acaso o título do livro de Ana Vasquez e Ana Maria Araújo, ambas ex-exiladas uruguaias, seja *Exils Latino-Américains: la malédiction d'Ulysse*<sup>4</sup>. Na obra, as autoras analisam os casos de exílio chileno, argentino e uruguaio das décadas de 1960 e 1970, e observam que a maldição de Poisêdon ultrapassou os tempos, mas apresenta, contudo, uma fundamental diferença. Nos exemplos acima, a impossibilidade da volta ao lar é determinada principalmente pelo motivo da saída, e ao invés de lidarmos com heróis que saíam por uma causa nobre trata-se de homens e mulheres que foram expulsos e banidos como inimigos da pátria.

A vivência de um exílio político não é nenhuma novidade. A prisão de um pensador político como Antonio Negri, depois de quinze anos distante da pátria, é emblemática para percebermos que o exílio, e mais precisamente o exílio político, ainda é recorrente. É um tanto preocupante, e espantoso, que nas vésperas do novo milênio indivíduos ainda eram julgados, e punidos, por suas crenças políticas. Quem sabe, Negri teria mais sucesso na volta ao lar se tivesse entrado na Itália disfarçado de mendigo, como Ulisses. Mas seu objetivo era outro. O aspecto mais interessante na recente prisão do filósofo é que mesmo com a consciência das conseqüências de sua volta, Negri decidiu se entregar às autoridades italianas. Questionado por colegas e jornalistas porque decidira retornar ao seu país, se sabia que a prisão o aguardava, respondeu que sua volta significava “*o fim dos anos de chumbo e a necessidade de libertar todos os camaradas ainda presos e os exilados*”<sup>5</sup>.

Na literatura e na mitologia, os exilados compõem personagens complexos, que demonstram como muitas vezes a vida e a história, imitam a arte. Trabalhar com o exílio nos dias de hoje não significa, portanto, ir tão longe em nossa história, e não precisamos

<sup>3</sup> Cf. Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 24.

<sup>4</sup> Ana VASQUEZ e Ana Maria ARAUJO. *Op. Cit.* 1988.

<sup>5</sup> Toni NEGRI. *Op. Cit.* p. 83.

recorrer a nossa imaginação. A experiência do exílio está muito mais próxima do que se pode pensar.

O Brasil produziu seus mais célebres exilados nas décadas de 1960 e 1970, anos em que vivíamos uma ditadura militar que durou vinte longos anos. Desde de 1964, com o golpe de Estado que deu origem a este conturbado período histórico, políticos, militantes, estudantes, professores, operários, artistas e intelectuais brasileiros foram expulsos do país ou optaram por sair do território nacional, devido à impossibilidade de exercer a profissão, de atuar politicamente ou simplesmente pela dificuldade de viver em um país que suprimiu a liberdade civil e os direitos do cidadão de sua arena política.

Ao considerarmos que a experiência do exílio manteve-se presente nos mais diferentes períodos históricos, devemos igualmente perceber que em cada uma dessas situações particularidades e singularidades estão envolvidas. Para analisarmos uma experiência de exílio é preciso compreender a que contexto histórico nos remetemos, e, principalmente, que exilados surgiram do mesmo. Por vezes serão militantes políticos, outras ocasiões encontraremos guerrilheiros e revolucionários, há também intelectuais, presos de guerra, sobreviventes de um conflito civil, entre outros. Todos fazem parte da tessitura de uma rede diversa, e ampla, mas que nem por isso deixa de manter algumas semelhanças.

Em qualquer experiência de exílio caminham lado a lado as marcas da exclusão e da intolerância. Por mais que façam parte de distintos grupos, os exilados são essencialmente homens e mulheres que dizem *não* a uma realidade, e ao contexto político e social em que vivem. Como ilustra Albert Camus são *homens revoltados* que não aceitam certas imposições; indivíduos que dizem *não*, mas que ao fazerem uma recusa não renunciam algo necessariamente: são igualmente homens que dizem sim, desde seu primeiro movimento<sup>6</sup>. Dizer *não* significa, portanto, impor limites e não aceitar calado tudo que lhe é imposto. No caso brasileiro, nas décadas de 1960 e 1970 o governo ditatorial excluiu militantes e cidadãos que discordavam daquele regime e que, de uma forma ou de outra, acabaram envolvidos com ações de combate e denúncia, contra a presença dos militares no poder. Esta ação de retirada do cenário político, e social, do país resultou para muitos brasileiros o caminho do exílio.

---

<sup>6</sup> Albert CAMUS. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 25.

Com esses homens e mulheres *revoltados* havia seus familiares e conhecidos, que por associação de parentesco ou de afinidade, eram considerados tão perigosos e nocivos à sociedade quanto àqueles a quem estavam vinculados. A intolerância com que foram tratados os que desejavam mudar os valores da sociedade brasileira, pessoas que propunham novos modelos de organização política, econômica e social<sup>7</sup>, assim como os que agiram para derrubar o regime militar, acabou por resultar na tentativa de eliminação dos mesmos, e em muitos casos de suas famílias também.

Desenvolver o tema do exílio brasileiro nesta temporalidade não significa, portanto, que a abordagem possa ser feita apenas, e necessariamente, em relação aos que agiram contra o sistema político vigente. Podem estar incluídos em análises deste gênero pessoas que estiveram indiretamente envolvidas com o processo de tentativa de derrubada do regime ditatorial, inclusive crianças, filhas dos militantes.

Ao concentrarmos nos filhos de exilados o foco de estudo lidamos com uma situação bem diversa, e bastante peculiar. Uma vez que para essas crianças dizer *não* ao regime militar era impossível, e não havia outra escolha senão aquela de viver com seus pais, a experiência do exílio tornou-se uma realidade para muitos. Entre outras coisas, o exílio poderia representar uma série de transformações como de moradia, de cidade, de país e até mesmo de continente. Implicava, inclusive, em perder contato com seus parentes, com amigos e com o lugar que era reconhecido como lar. Por vezes a trajetória dos exilados e de suas famílias foi errante, e em seus percursos estava a busca de um ambiente que lhes desse estabilidade para reconstruir suas vidas. Nesses caminhos tortuosos os obstáculos enfrentados para garantir a sobrevivência não foram triviais. O destino era incerto.

Apesar de não ser possível precisar o número de exilados brasileiros<sup>8</sup>, e exatamente quem eram eles, pode-se dizer sem receio que foram muitos. Estavam muitas vezes famílias completas que iam para outros países, e acompanhavam seus maridos, esposas, irmãos e seus pais. A repressão da ditadura atingiu inúmeras pessoas que não estiveram na linha de

---

<sup>7</sup> Problematiza-se hoje que as ações contra a ditadura não eram somente uma luta contra os militares no poder, mas também contra o sistema econômico capitalista, e o modelo de sociedade que deste modelo resultava. Ver Daniel Aarão REIS, Marcelo RIDENTI e Rodrigo Patto Sá MOTTA. *O Golpe e a Ditadura – 40 anos depois (1964 – 2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

<sup>8</sup> Sobre a tentativa de estimar o número de brasileiros exilados deste período ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 53.

frente do combate contra os militares, e elas também pagaram um alto preço por isso. Os filhos de militantes brasileiros, por exemplo, mesmo aqueles que eram apenas crianças na época, sentiram as mazelas deste sistema sempre que tiveram suas casas invadidas, seus pais presos, torturados ou desaparecidos, sua família caçada e sua nacionalidade negada.

A repressão do governo foi igualmente vivenciada por esses meninos e meninas de forma violenta e abusiva no momento em que estiveram presos e foram torturados<sup>9</sup>, ou mesmo na ocasião em que foram obrigados a sair do país. Apesar de não terem a possibilidade de atuação política, as crianças e adolescentes deixaram um pouco de lado os papéis de coadjuvantes nesta história, e construíram uma relação própria com o regime militar, diferente daquela vivida por seus pais.

Como estratégia de interrogatório, o exército fez uso de ameaças psicológicas com os presos políticos a partir de vínculos familiares e afetivos. Uma das táticas dos militares era ameaçar a segurança e a integridade física dos filhos dos militantes presos, assim como de parentes e amigos. Além das perseguições que sofria seu pai, a ida para exílio de ZP e seus irmãos esteve influenciada pela ameaça de seqüestro que sofreram com intuito de descobrirem o paradeiro dos pais<sup>10</sup>.

As ameaças, por vezes, tornaram-se realidade e muitas crianças foram levadas para as prisões e postas diante de seus pais, com o intuito de forçá-los a fornecerem dados sobre ações tidas como subversivas de grupos clandestinos. Mostrar para os filhos os pais brutalmente machucados, e manter as crianças presentes em salas de torturas consistiam em situações aterrorizantes para os pais, e, no mínimo, marcantes para os filhos. Muitos permaneceram no cárcere com irmãos e outros familiares, e em certos casos seguiram para o exílio junto com seus pais, uma vez que foram obrigados a deixar o país.

*“A tortura é uma coisa muito sacana porque você leva para o resto da vida”<sup>11</sup>* define Janaína Teles, filha de militantes do PC do B e sobrinha de um dos mais procurados dirigentes da guerrilha do Araguaia, André Grabois. Com cinco anos Janaína esteve presa junto com seu irmão Edson Luis de três anos na *OBAN* (Operação Bandeirantes), em São Paulo, e foi maltratada pelos militares na frente dos pais. O fato de crianças terem sido

---

<sup>9</sup> Ver Castigo cruel, desumano e degradante. In: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais. Op. Cit.*

<sup>10</sup> Entrevista concedida por e-mail a Tatiana Paiva, em janeiro de 2006.

<sup>11</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

presas, torturadas, outras banidas ou terem saído fugidas do país devido às atividades políticas e causas ideológicas de seus pais, demonstra que viver no Brasil havia se tornado perigoso para muitos que não possuíam vínculos com organizações revolucionárias.

Mesmo sem terem vivido a derrota de uma luta política, outros pesos caíram sobre os ombros dessas crianças. O fato de não terem participado ativamente do embate contra o governo militar não os excluía da condição de exilados, e também não se encontravam em uma posição privilegiada por serem crianças. Passavam por situações traumáticas e violentas, pois estavam diretamente associados a seus pais, e o estigma de *subversivos* podia ser imediatamente transferido para eles.

As irmãs Telma e Denise Lucena, levadas pelos militares para a mesma prisão de seus pais, narram um delicado episódio: no Juizado de Menores, lhes atribuíram a categoria de terroristas, como se fossem “*bandidos de alta periculosidade*”: “*Eles [os militares] falavam para as crianças que estavam lá: ‘Esses aí são terroristas. Vocês não mexam com eles porque eles são perigosos’*”<sup>12</sup>. Telma relata também como foi ver a mãe depois de ter sido torturada:

“Eu não reconheci minha mãe. Foi uma coisa muito difícil, porque ela tinha apanhado tanto que estava deformada. Então pra mim era um ser, mas não era minha mãe. Uma massa toda quebrada, sem dente, toda arrebitada, mas não era minha mãe. Ela não conseguia ter voz de mãe”<sup>13</sup>.

É importante entender que o exílio era uma das diversas etapas do processo de eliminação desses indivíduos, que tinha início nas demissões de cargos públicos, revistas nos domicílios, interrogatórios constantes e, frequentemente, prisões seguidas de terríveis sessões de tortura. A prática da tortura compôs um sofisticado, e bem estruturado, aparato punitivo que tinha o intuito de desintegrar física e psicologicamente os presos políticos<sup>14</sup>. A tortura cumpria um papel que ultrapassava o objetivo de obter informações sobre atividades e práticas de órgãos clandestinos. Havia igualmente, e talvez principalmente, um aspecto

---

<sup>12</sup> Idem. *Op. Cit.*

<sup>13</sup> Idem, *Ibidem.*

<sup>14</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Ana Maria ARAUJO. *Op. Cit.*

desmoralizador e humilhante, e surtiam efeitos mesmo se feitas somente psicologicamente, sem o castigo físico posto em prática<sup>15</sup>.

A repressão do exército atingiu um ponto tão extremo que não são raros os casos de pessoas que foram levadas erroneamente a prisões, e tratadas com violência pelo regime militar<sup>16</sup>. A partir da abertura política foram feitas análises de casos nos quais pessoas que estiveram presas nada tinham a declarar, mas mesmo assim sofreram terríveis torturas, e permaneceram encarcerados e incomunicáveis. Esses exemplos inspiraram o filme *Pra Frente Brasil*<sup>17</sup>, de Roberto Farias, lançado em 1983, em pleno fervor do movimento pelas *Diretas Já*. Enquanto as ruas e os bares das cidades do país eram tomados pelas comemorações da Copa do Mundo de 70, o personagem vivido no filme por Reginaldo Faria é preso e torturado equivocadamente pelos militares. Confundido com um ativista político, o pacato trabalhador de classe média sofre os abusos do regime militar, e desaparece sem deixar rastros que permitissem a familiares e amigos encontrá-lo.

Infelizmente este não é um retrato absolutamente fictício. Visto que mais e mais pessoas eram abordadas e molestadas pelo governo, sem qualquer explicação ou sequer conhecimento da família, os militantes questionavam se era prudente deixar os filhos e parentes de presos políticos no Brasil. Não são raros os casos de militantes que mandaram a família para o exterior, mesmo se não pensavam em deixar o país. A trajetória de Carlos Lamarca ilustra este caso, pois apesar de jamais ter cogitado a possibilidade de sair do Brasil, e considerar o exílio um lugar de alienação política, Lamarca enviou os filhos e a primeira esposa para Cuba, onde moraram até o final da ditadura brasileira<sup>18</sup>. Iramaya Benjamin declarou nunca ter pensado em sair do país, uma vez que sua vida era lutar pela liberdade do Brasil. Os desalentos da ditadura, no entanto, não a pouparam de uma vivência no estrangeiro. Perseguidos pelo regime militar, seus filhos César e Cid Benjamin não

---

<sup>15</sup> Sobre o tema da tortura ver Lawrence WESCHELER. *Um milagre, um universo: o acerto de contas com os torturadores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. e Marcelo VIÑAR e Maren VIÑAR. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.

<sup>16</sup> Ver ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Op. Cit.*

<sup>17</sup> *Pra Frente Brasil*. Diretor: Roberto Farias. Editor: Roberto Farias e Mauro Farias. Roteiro: Roberto Farias, baseado no argumento de Reginaldo Faria e Mauro Mendonça. Elenco: Reginaldo Faria, Antonio Fagundes, Cláudio Marzo. Distribuição: Embrafilme. Duração: 104 minutos. Rio de Janeiro, 1983.

<sup>18</sup> Cf. Judith Lieblich PATARRA. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

poderiam mais permanecer no território nacional, e o exílio tornou-se a realidade para esta família<sup>19</sup>.

Fazer uma viagem clandestina, cruzar fronteiras ilegalmente, usar nomes e passaportes falsos, invadir embaixadas representavam perigos e riscos para aqueles que se viam em uma situação sem escolha: fugir ou morrer. Enfrentar os perigos de uma viagem de fuga com crianças e adolescentes aumentava ainda mais as dificuldades e responsabilidades. Para Thereza Rabêlo, mulher de José Maria Rabêlo, que deixou o país para encontrar o marido no Chile e levou consigo seus sete filhos houve a preocupação na adaptação das crianças, e até mesmo de lhes impor um destino que não era o deles:

“Ao decolar do Rio, a gente teve a convicção de que aquela não era uma viagem comum. Quando eu olhava os meninos dentro do avião, tão pequenininhos, três ainda de mamadeira, eu sentia um medo muito grande e a sensação enorme da responsabilidade que estava assumindo: eu os estava arrastando para longe do país deles, mudando mesmo seus destinos, num projeto de vida que eu própria desconhecia”<sup>20</sup>.

A situação de Thereza Rabêlo foi a de muitos brasileiros que seguiram para outros países, e acompanhavam seus familiares envolvidos na política. Ela define aquele período:

“Eu era dona de casa, que não aparecia e ocupava quase todo o meu tempo cuidando dos filhos e de meu emprego. Ninguém, entretanto, sofria mais do que eu o impacto daqueles acontecimentos, que repercutiam intensamente em nossa casa. Nem sei como agüentei. Mas houve também instantes tão bons, tão gratificantes! Para mim são os que contam... e que me faziam continuar de pé.”<sup>21</sup>

Muitos exilados não se sentiam parte da luta política que os baniou, e como um destino herdado, seguiram para outras terras sem previsão de retorno. Filha de Paulo Freire, Fátima foi para o exílio com os pais e em 1973 e casou-se com um militante político:

“O que me dói de vez em quando em tudo isso é ver que em todo esse negócio, eu não tive ação direta. Nada, nada. Saí do Brasil, indiretamente... pai exilado e depois continuo no exílio por ser mulher de um banido”<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Sobre a trajetória de Iramaya Benjamin ver \_\_\_\_\_. *Ofício de Mãe. A saga de uma mulher*. Depoimento a Margarida Autran. Rio de Janeiro: Marco Zero, s.d.

<sup>20</sup> José Maria RABÊLO e Thereza RABÊLO. *Diáspora – Os longos caminhos do exílio*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 228.

<sup>21</sup> Idem, *Ibidem*. p. 225.

<sup>22</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 72.



A história de Fátima foi também a de muitos meninos brasileiros. A atuação dos pais contra o governo militar os transformou em *herdeiros do exílio*, e, ainda crianças, tiveram uma experiência de vida desenraizada.

Para as crianças, entender exatamente o contexto de uma ditadura, e compreender a perseguição que sofriam seus pais, não era algo muito simples. Há diferentes compreensões sobre o período: alguns dizem que entendiam a situação vivida com os pais, outros recebiam somente breves explicações.

Para Janaína Teles não havia muita clareza sobre o que acontecia em sua volta: “*Eu perguntava pra minha mãe sobre o que acontecia. Ela contou que tinha os militares, e que eles não gostavam da gente*”<sup>23</sup>. A falta de compreensão ocorria por serem crianças, mas também porque não se podia falar abertamente do assunto. Como expõe Priscila Arantes, a dificuldade começava em definir a atividade dos pais:

“Filhos de pessoas normais, a mãe é médica, o pai é engenheiro, advogado, têm uma profissão estabelecida. Você cresce falando: ‘Meu pai é médico’. Os meus pais não tinham isso. A atividade profissional deles era muito complicada, pois não existia uma atividade profissional, existia uma atividade política. Aquilo pra mim era muito misterioso, por isso que a lembrança que eu tenho é de mistério”<sup>24</sup>.

Janaína Teles desconhecia inclusive o nome dos próprios pais:

“Eu chamava de tio, tia, mãe, pai. Demorei anos para descobrir que eu não sabia o nome deles, e quando eu percebi isto, que eu não sabia nome nenhum, achei um absurdo. Como eu sou filha de alguém e não sei o nome dos meus pais?”<sup>25</sup>.

Marta Nehring, apesar de muito pequena na época que viveu em Havana com a mãe enquanto seu pai fazia treinamento guerrilheiro em Cuba, entendia que não tinha uma vida como outras crianças:

“Eu tinha a consciência de que estava vivendo uma situação muito especial, de que nós morávamos num andar especial do Hotel Havana Livre, onde só tinha guerrilheiro com filho de guerrilheiro”<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

<sup>24</sup> 15 Filhos. *Op. Cit.*

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

A compreensão de uma infância peculiar devido às atividades políticas de seu pai era, inclusive, o que segundo ela definia sua identidade: “*Eu sempre tive a minha identidade. Tanto no Brasil quanto fora eu era Marta, filha de um guerrilheiro*”<sup>27</sup>.

FS foi para o Chile com a família encontrar seu pai, em 1965. O nome de seu pai estava incluído na primeira listagem de procurados pelo regime militar, e com isso buscou asilo na embaixada chilena. No entanto, já havia um esquema de policiamento e vigília no terreno, e recorreu então para a embaixada do Paraguai. Em dezembro de 1964 conseguiu chegar a Santiago, sob proteção do governo paraguaio. Desde o início, FS diz que era possível identificar os aspectos mais importantes da experiência:

“Embora eu fosse muito pequeno (apenas 8 anos quando aconteceu o golpe), minha casa era muito freqüentada e o assunto ‘política’ era coisa do dia-a-dia. Portanto, eu tinha uma boa noção de que meu pai era perseguido por causa de suas posições políticas e também sabia quem eram seus adversários”<sup>28</sup>

As atividades dos pais direcionavam as vidas das crianças fora do Brasil. A experiência de exílio de Lutgardes Freire, filho de Paulo Freire, foi duradoura e diversificada. A partir do golpe militar, o pedagogo e a família deixam o país, e com isso dá-se início ao longo e árduo percurso de Lutgardes, que tinha apenas cinco anos. Chile, Estados Unidos e Suécia encontram-se no mapa de sua trajetória de exilado, que só teve fim em 1980, nos últimos anos do período ditatorial. Nos Estados Unidos, assaltado por meninos americanos na rua onde morava, Lutgardes tentou explicar-lhes que seu pai, o escritor da *Pedagogia do Oprimido*<sup>29</sup>, estava do lado deles, os defendia socialmente e que eles eram iguais. O assalto foi realizado da mesma forma e o menino ficou sem a mesada da semana<sup>30</sup>.

## 2.2

### **“Somos parecidos, pero no mucho”<sup>31</sup>**

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva, via e-mail, em setembro de 2005.

<sup>29</sup> Paulo FREIRE. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>30</sup> Maria Cristina FERNANDES. Filhos do Exílio. *Época*. São Paulo, 14 jun. 1999. Pp. 46-53.

<sup>31</sup> Essa expressão foi utilizada por um representante do DCE da PUC-SP, no ENEH (Encontro de Nacional de Estudantes de História), realizado na Unicamp, em 2002.

Denise Rollemberg identifica a presença de duas gerações na experiência do exílio brasileiro: a de 1964 e a de 1968<sup>32</sup>. Para analisar essas gerações, e suas especificidades, faremos uso da contribuição preciosa de Jean François Sirinelli. O autor questiona as atribuições que o termo ganhou ao longo dos tempos nos trabalhos de cunho historiográfico, e propõe uma nova abordagem do mesmo.

Na opinião de Sirinelli o conceito de geração esteve confinado a uma espécie de *prisão historiográfica*, e por isso servia às análises históricas sempre de forma que estivesse ligado a *periodizações*<sup>33</sup>. Em análises deste perfil eram ignoradas até então o que denominou de *gerações curtas e irregulares*, muito presentes, por exemplo, ao longo do século XX<sup>34</sup>.

Com o intuito de libertar o conceito deste aprisionamento, Sirinelli propõe que seja considerada em estudos da área de história a formação de gerações a partir de um *acontecimento inaugurador*:

“Ninguém contesta hoje a fecundidade do uso da geração em história. Ela é incontestavelmente uma estrutura que a análise histórica deve levar em consideração, o que, diga-se de passagem, contribui – (...) – para reabilitar o acontecimento. Em vez de ser apenas a espuma de uma vaga formada pelas estruturas sócio-econômicas, este também pode ser gerador de estruturas: por exemplo, as gerações criadas ou modeladas por um acontecimento inaugurador”<sup>35</sup>.

Com isto surge a possibilidade de verificar que influências um mesmo evento histórico acarretam para pessoas de diferentes faixas etárias; ao invés do ano de nascimento, a geração é definida, para esse autor, a partir de um episódio. No caso em questão encontramos, portanto, dois acontecimentos inauguradores: o golpe civil-militar de 1964 e declaração do AI-5, em 1968.

As diferenças primordiais entre essas duas gerações encontram-se, basicamente, na formação política de seus integrantes e que ações adotaram contra a ditadura. A geração de 1964, marcada pelos adventos do golpe, era composta por políticos, intelectuais, funcionários públicos, com uma formação política vinculada, na maioria dos casos, às

<sup>32</sup> Cf. Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 50.

<sup>33</sup> Cf. Jean-François SIRINELLI. A Geração. In: *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 137.

<sup>34</sup> Idem, *Ibidem*. p. 134.

<sup>35</sup> Idem, *Ibidem*. p. 137. (grifo do autor)

diretrizes do PCB<sup>36</sup>. A instituição do AI-5 gerou uma nova leva de militantes, que constituíram a geração de 1968, formada em sua maioria por estudantes universitários que participaram das ações armadas<sup>37</sup>.

Na visão de Daniel Aarão Reis havia uma espécie de abismo que separava esses dois pólos, que não era determinado apenas pela faixa etária, mas também, e principalmente, pelo viés político que adotavam<sup>38</sup>. O autor aponta para a existência de um choque de gerações que dificultava a aglutinação da esquerda, e não possibilitava a união de forças entre os núcleos políticos<sup>39</sup>. A geração de 1964 era composta por nomes reconhecidos da intelectualidade brasileira, os membros da chamada “*vanguarda política do Brasil*”<sup>40</sup>. Apolônio de Carvalho, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Francisco Julião eram alguns dos integrantes desse grupo, que viveu o exílio logo após a instituição do regime militar. Identificados com os movimentos de guerrilha armada<sup>41</sup>, os estudantes da geração de 1968 adquiriram outra visão de luta política, e criticavam os métodos aplicados e defendidos pelo PCB.

No que diz respeito à vivência no exílio, a adaptação ao país estrangeiro para uma pessoa mais velha com uma profissão estabelecida, mais experiência de vida e também política, ocorria de maneira mais fácil do que de um jovem estudante, inexperiente, sem recursos profissionais. Os que saíam do Brasil com uma profissão, alguns bens, nome reconhecido no mercado de trabalho, puderam receber mais facilmente ofertas de trabalho e reconstruir suas vidas. Os estudantes, no entanto, tiveram que terminar seus estudos fora, cursar faculdades estrangeiras, e mesmo assim nem todos tiveram essa oportunidade. Muitos fizeram trabalhos desqualificados, foram serventes, faxineiros, porteiros, babás, e no meio disso tudo começaram a constituir suas famílias.

José Maria Rabêlo encontrava-se entre os membros da geração de 1964, e viu-se obrigado a deixar o país poucos dias depois do golpe. Seu exílio, que durou dezesseis anos,

<sup>36</sup> As diversas mudanças e também o surgimento de novos núcleos a partir da criação do Partido Comunista Brasileiro podem ser encontrados em Daniel Aarão REIS FILHO. *A Revolução Faltou ao Encontro. Os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense/CNPq, 1989.

<sup>37</sup> Cf Idem. *Op. Cit.*

<sup>38</sup> Certamente ocorreram exceções, e alguns integrantes tanto de uma, quanto da outra geração, transitaram entre esses dois grupos distintos. Ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 51.

<sup>39</sup> Idem, *Ibidem.* p. 52.

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem.* p. 52.

<sup>41</sup> A influência de movimentos guerrilheiros internacionais na formação dos novos revolucionários, como a Revolução Cubana, era muito presente nesta geração. Cf. Daniel Aarão REIS FILHO. *Op. Cit.*

foi vivido em três países: Bolívia, Chile e França. A experiência no Chile segundo sua avaliação foi marcada por dois momentos:

“O primeiro, quando chegaram os pioneiros, aqueles companheiros que saíram do Brasil no período seguinte ao golpe. Eram, como vimos, pessoas com experiência e formação profissional acima da média – ministros, deputados médicos, advogados, professores, economistas, jornalistas – que encontraram certa facilidade para empregar-se. O segundo momento coincidiu com o endurecimento do regime militar, a partir de 1968. A leva que então aportou no Chile, integrada por gente mais jovem, principalmente um grande número de estudantes, operários, militares, que em sua maioria tiveram alguma participação na luta armada, iria enfrentar obstáculos muito maiores na busca de trabalho”<sup>42</sup>.

Na verdade as dificuldades podiam variar muito, mas sempre estavam presentes. No final do dia eram todos exilados, expulsos de seu país, afastados de suas casas, sem emprego, sem estabilidade, e precisavam começar a se reerguer.

Em meio a tantas mudanças que uma vida clandestina pode proporcionar, a experiência do exílio compõe um quadro de redefinições. Em um exílio político a realidade é enfrentada, no entanto, com um peso a mais. Aquele que se torna exilado nessas condições adquire sua identidade a partir de uma derrota política e ideológica, o que pode dificultar ainda mais o processo de adaptação a uma vida sem raízes enquanto um apátrida.

Em relação à experiência das crianças, não era muito coerente utilizar o termo *exilado político*, o que torna esse caso ainda mais instigante. Como poderiam ser chamados de exilados políticos aqueles que jamais atuaram politicamente?<sup>43</sup> E talvez mais confuso ainda seja o fato de serem chamados de exilados políticos justamente crianças e adolescentes. Afinal, os filhos de exilados identificavam-se com o que?

Para algumas crianças essa identificação jamais fez sentido. Para outras passou a ser significativo quando mais velhos tiveram que morar no Brasil. Alguns chegaram a sentirem-se banidos e exilados a partir de acontecimentos políticos que viveram. RR chegou ao Chile com um ano e meio de idade e viveu em Santiago até o golpe militar de Pinochet:

“A palavra ‘exilado’ não fazia sentido pra mim. Eu não me sentia exilado. Aquilo era a minha vida, meu país praticamente. Cresci lá, e fui alfabetizado no Chile. Eu só falava

<sup>42</sup> José Maria RABÊLO e Thereza RABÊLO. *Op. Cit.* Pp. 81-82. (grifo do autor).

<sup>43</sup> Cf. Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 36.

português em casa (...) Não tinha a sensação de perseguição. Quando vi que meu pai estava sendo caçado, comecei a ver que nós éramos diferentes”<sup>44</sup>.

Para Ernesto José de Carvalho, filho de um metalúrgico membro do PC do B, tudo parecia uma viagem de turismo até acontecer o golpe militar em 1973:

“Comecei a ver que a coisa era meio esquisita, quando, por exemplo, o Pinochet derrubou o Salvador Allende e foi uma correria de louco. Foi meio esquisito. Acho que dentro da minha cabeça de criança eu pensava: ‘Que turismo louco é esse que nego [sic] vem de tanque de guerra na rua?’”<sup>45</sup>.

A sensação de uma viagem turística foi também a percepção de ZP, que foi para o exílio na União Soviética em 1970 e retornou em 1985: “*Eu tinha 7 anos de idade e não sabia exatamente para onde estava indo e nem porquê. Pensava que era uma viagem de passeio*”<sup>46</sup>. Depois de três anos no país a situação política que enfrentavam começou a fazer mais sentido para a menina:

“Só mais tarde, com uns 9 ou 10 anos que entendi o sentido e o motivo de nossa saída do Brasil. Lembro de minha mãe me chamar junto com o meu irmão mais novo, ainda antes de sair do Brasil, e pedir para que fizéssemos uma gritaria e nos agarrássemos em suas roupas caso a polícia entrasse em casa e quisesse levá-la. Fiquei muito assustada e fiquei me perguntando qual seria o motivo da polícia entrar na nossa casa para levar a minha mãe”<sup>47</sup>.

PR, irmã de RR, só percebeu que era vista como exilada com a notícia de seu pai sobre o retorno ao Brasil:

“Eu era muito criança, então não me importava com isso. Vivia a minha vida. Só mais velha quando estávamos na França, depois do golpe do Chile, percebi que tinha vivido toda minha infância e adolescência fora do Brasil. No momento que meus pais decidiram voltar, percebi que até então era perigoso, e que também era proibido”<sup>48</sup>.

AM não entendia o que aquela palavra significava. Nascida no Chile, nas vésperas do golpe, seus pais tiveram uma trajetória conturbada, que incluiu México e Cuba, até

<sup>44</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva em 19 de agosto de 2005 no Rio de Janeiro.

<sup>45</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

<sup>46</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>47</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>48</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva no dia 20 de agosto de 2005 no Rio de Janeiro.

chegarem à Suécia que passou a ser o endereço fixo do exílio, e o país de AM. No dia da chegada ao Brasil, no período da Anistia, a menina ficava agarrada no colo do pai e observava todo o alvoroço:

“No aeroporto era muita confusão, muita gente tirando foto, muita gente chegando junto. Eu fiquei no colo do meu pai, e usava um vestido caipira que me deram. Eu não conseguia entender o porque daquilo tudo. Para mim era uma festa, porque me diziam que estávamos voltando para casa, mas não era a minha casa”<sup>49</sup>.

Na experiência de FS o termo era comum e inclusive o que definia sua identidade e de sua família também:

“Sempre usamos os termos ‘exilado’ e ‘cassado’. Eles nos foram explicados logo de início e sempre os utilizávamos para nos auto-descrevermos, até com um certo orgulho. Um tio meu cunhou uma frase muito repetida entre nós: ‘No Brasil só existem dois tipos de políticos: os cassados e os castrados’ (...)Pelo que me recordo, o termo me foi explicado pelo meu pai e pela minha mãe quando fui visitar meu pai na embaixada do Paraguai. Ele realmente ganhou sentido alguns meses depois quando meu pai embarcou para o Chile e conversamos novamente sobre o assunto no aeroporto. Lá ele me explicou que teríamos que viver em outro país até que os ‘militares e os gorilas’ deixassem de mandar no Brasil”<sup>50</sup>

PA, que viveu somente um ano e meio na Suécia, achou um absurdo os amigos na escola dizerem que ele não era brasileiro:

“No segundo grau na escola, começamos a estudar o período da ditadura militar nas aulas de história. Em algum momento eu sabia que os movimentos estudantis iriam virar o tema principal das aulas. A minha professora pediu para os alunos fazerem um trabalho sobre o assunto, e eu perguntei se poderia entrevistar meus pais, que tinham sido exilados. Foi quando todos descobriram que eu nasci na Suécia, e ficaram dizendo que não sabiam que eu não era brasileiro. Fiquei com muita raiva. Como assim não sou brasileiro? Não sei nada da Suécia, nem me lembro dessa época?”<sup>51</sup>

Reconhecer-se como um exilado, alguém sem pátria, não era uma experiência uniforme entre os brasileiros. O exílio não é somente uma condição política institucional, reconhecida por órgãos internacionais. Ele também constitui uma experiência individual, subjetiva, e pode ser sentida de maneiras e em ocasiões diferentes. Há aqueles que se sentem exilados mesmo antes de deixar o país de origem, outros entendem que estão no

<sup>49</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva no dia 14 de agosto de 2005 no Rio de Janeiro.

<sup>50</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

<sup>51</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva no dia 11 de agosto de 2005 no Rio de Janeiro.

exílio ao percebem que o retorno à pátria está distante, e que o período no estrangeiro não será breve. Há também os que absorvem esta experiência na época da volta à terra natal e passam a viver o exílio do exílio. Podemos destacar igualmente os que viveram no exílio e jamais se viram enquanto banidos e apátridas. Viver no exílio e reconhecer-se como exilado constituem-se, portanto, em momentos diferentes.

O caso brasileiro das décadas de 1960 e 1970 é analisado e discutido por Denise Rollemberg em três etapas<sup>52</sup>. A primeira começa a partir do golpe de 1964 e termina com a derrubada do governo de Salvador Allende no Chile, em 1973. Esse período constitui uma fase peculiar do exílio, pois, segundo a autora, para a grande maioria dos militantes era menos um exílio e mais uma retirada estratégica do cenário político brasileiro. Acreditava-se que o retorno seria breve, e que a experiência da saída para viver na América Latina reforçaria o compromisso de luta.

Nas memórias de exilados o Chile ocupa um lugar especial, *o paraíso depois do inferno*<sup>53</sup>. Eram tempos de esperança para eles, e para a América Latina. Os brasileiros distantes da pátria conseguiam enxergar uma luz no final do escuro túnel em que havia se transformado as lutas políticas no Brasil. Puderam trabalhar, estudar, morar com suas famílias, alguns fizeram inclusive serviços públicos para o governo socialista de Allende. Mesmo uma parcial atuação política foi experimentada.

Apesar da enorme euforia em que viviam, os brasileiros foram expulsos do paraíso, e o inferno recomeçava. Para os que antes não se percebiam como exilados, a partir de 11 de setembro de 1973, já não havia mais dúvidas que o retorno não ocorreria tão brevemente como esperado.

Com apenas oito anos Flávia Castro presenciou o golpe chileno e percebeu que, assim como seus pais, que começaram a destruir documentos e anotações, deveria queimar também seus desenhos de manifestações nas ruas de Santiago. Enquanto a menina e a mãe asilavam-se na embaixada da Argentina, seu pai tentou ainda participar de ações de resistência. Visto que a situação ficava cada vez mais perigosa, pediu asilo também. Na

---

<sup>52</sup> Cf. Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 53. Aqui serão expostas as duas primeiras fases. A terceira fase, segundo a autora, diz respeito a um período de *migrações* de países, sem uma data precisa para seu começo. p. 58.

<sup>53</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.* p. 319.



tentativa de entrar na embaixada foi atingido com um tiro que acertou de raspão sua cabeça. Flávia só o reencontrou meses depois na Itália<sup>54</sup>.

Mãe e filha conviviam na embaixada com aproximadamente oitocentas pessoas, dormiam em pequenas salas, utilizavam os banheiros por turnos e a comida teve que ser racionada. Enquanto os adultos organizavam o espaço, que se tornava cada vez menor, as crianças inventavam brincadeiras e jogos que descontraíam o tenso ambiente. Flávia Castro recorda da embaixada como um lugar onde ela podia brincar com outras crianças e desfrutar da presença da mãe, o que transformava o caos em situações especiais de uma *experiência enriquecedora*<sup>55</sup>.

RR apresenta a mesma visão de Flávia Castro em relação ao asilo da ONU, onde ficou com a mãe e os irmãos no período da queda de Salvador Allende:

“Lembro que era um lugar muito grande. Tinha um quintal enorme e eu brincava muito lá. Cumpria as minhas responsabilidades, porque todo mundo tinha que ajudar, mas também me distraía. Muito diferente da minha mãe e da minha irmã mais velha que não conseguiam se desligar do que acontecia. Quando você é criança rapidinho você se adapta, então eu já comecei a brincar e procurar o que fazer”<sup>56</sup>

A derrubada do governo de Allende trouxe uma nova etapa para o exílio dos brasileiros, marcada por reavaliações e redefinições na luta política. O fato de a repressão ter atingido até mesmo o Chile, o país da América Latina com a mais ampla participação popular, era inevitável para os brasileiros não refletirem sobre seus destinos. Voltar para o Brasil ficou mais distante, e as ações revolucionárias planejadas neste período foram postas em segundo plano. O destino não poderia mais ser os países vizinhos, latino-americanos, e iniciava-se o *exílio no exílio*<sup>57</sup>. O novo rumo era a partida para o Velho Mundo. Ernesto de Carvalho lembra desta ser uma época de enorme tensão:

“Uma imagem que ficou guardada foi no momento que nós entramos na embaixada. Aquela correria, pancadaria na porta, estava todo mundo torcendo lá na frente, o pessoal já dentro da embaixada torcendo pra que a gente chegasse lá. Foi a primeira vez que senti pavor, senti o clima de estar fugido”<sup>58</sup>

<sup>54</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 180.

<sup>55</sup> Idem, *Ibidem.* p. 180.

<sup>56</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>57</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 57.

<sup>58</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

### 2.3 No Velho Mundo: Exilados ou Imigrantes?

A chegada ao continente europeu não foi como acontecera nos países do Cone-Sul. Juntamente com milhares de cidadãos chilenos, os brasileiros foram recebidos principalmente em países da Europa Ocidental. O terror que havia se transformado o Chile mobilizou importantes campanhas sobre os direitos humanos, seguidas de ações de denúncia contra as ditaduras latino-americanas. A militância sofreu aos poucos modificações, a partir dos contatos com outras referências e distintas temáticas. Nesse período Denise Rollemberg identifica uma *internacionalização da esquerda*<sup>59</sup>, um processo que proporcionou uma abertura nos debates políticos, e também um espaço para descobertas pessoais.

De acordo com essa historiadora este foi o momento da *diáspora*, “do exílio espalhado por diversos países”<sup>60</sup>. As mudanças eram infinitas, a começar pelo idioma, o clima, a cultura, hábitos alimentares, elementos presentes no processo de adaptação a um outro país, que não foram sentidos com tanta estranheza enquanto os exilados permaneceram no sul do continente americano.

A inserção nos países europeus era inevitável, uma vez que o retorno ao Brasil ficava cada vez mais longe, e os exilados precisavam encontrar formas de sobreviver. As transformações começavam logo na chegada, pois, na Europa, o exilado político tornava-se refugiado ou imigrante, como tantos outros que chegavam de lugares distantes<sup>61</sup>. Uma vez banidos do país, os brasileiros perdiam o direito a passaportes, fato que lhes impunha barreiras no processo de locomoção e dificuldade na obtenção de vistos em embaixadas.

Para muitos isto significava uma perda também de identidade. Os documentos especiais que recebiam enquanto exilados lhes proporcionava uma identificação, que justificava a presença fora do país. Funcionavam como uma espécie de proteção, e também uma segurança. Era importante ressaltar que não estavam em outros países por razões pessoais, mas sim por motivos políticos, por escolhas que envolviam uma luta política que lhes custara a liberdade e a nacionalidade. Ana Vasquez aponta para o esforço que os exilados do Cone-Sul fizeram para distinguir-se dos demais estrangeiros:

---

<sup>59</sup> Denise ROLLEMBERG *Op. Cit.* p. 64.

<sup>60</sup> Idem, *Ibidem.* p. 57.

<sup>61</sup> Idem, *Ibidem.* p. 57.

“A sociedade dominante desconhece e desvaloriza os distintos aspectos que constituem a identidade do trabalhador estrangeiro. O exilado se defende procurando explicar sua situação em termos políticos, mas também pode reafirmar-se se definido justamente por suas características de exilado político. Deste ponto de vista ser exilado político constitui uma identidade”<sup>62</sup>.

Tornar-se um refugiado ou ser confundido com um imigrante depois de tudo pelo que passaram não era um benefício para os que viviam o exílio, e sim mais uma derrota.

As diferenças entre exilados e emigrantes devem ser levadas em consideração, pois influenciam, segundo Ana Vasquez e Gabriela Richard, o processo de adaptação ao país estrangeiro. Para as autoras, a distinção mais marcante está no fato dos imigrantes partirem em busca de uma vida melhor, enquanto exilados são arrancados de seus países, e buscam uma forma de sobreviver<sup>63</sup>.

Para a análise desta temática, alguns cuidados devem ser tomados, pois muitos daqueles que são identificados simplesmente enquanto *estrangeiros*, na verdade são homens e mulheres com histórias e identidades distintas. Nesta categoria uma enorme diversidade de casos pode ser encontrada, e simplificá-los significa retirar toda sua riqueza e complexidade. Antonio Negri também aponta para o perigo de reduzir os casos de nomadismos e exílios, igualando-os e pondo-os em um mesmo patamar<sup>64</sup>. São diferentes em sua essência, e constituídos por situações distintas.

“Com a formação dos Estados-nações chegamos à única definição moderna aceitável e clara da condição de estrangeiro: o estrangeiro é aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade”<sup>65</sup>.

Estrangeiros e apátridas que serviram de motivos para muitas guerras e conflitos históricos, continuam causando polêmicas por onde passam.

Como lidar com os imigrantes parece ser um dos temas mais atuais hoje nos países de primeiro mundo. Em 2005, foi lançado, no Brasil, o filme *Um Dia sem Mexicanos*<sup>66</sup>

<sup>62</sup> Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 34.

<sup>63</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. Problèmes d’adaptation en France des enfants réfugiés du Cône Sud de l’Amérique Latine. Paris: CIMADE – Information. n° 4, outubro de 1978. p. 5.

<sup>64</sup> Cf. Toni NEGRI. *Op. Cit.* p. 48.

<sup>65</sup> Julia KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 101.

<sup>66</sup> Um Dia Sem Mexicanos. [A day without a mexican]. Diretor: Sergio ARAU. Produtor: Isaac Artenstein. Roteiristas: Sergio Arau, Yareli Arizmendi e Sergio Guerrero. Editor: Daniel Fort. Elenco: Caroline Aaron, Todd Babcock, Yareli Arizmendi. Estados Unidos. Estúdio: Eye on the Ball Films / Plural

dirigido por Sergio Arau, que aborda com muito bom humor o problema da imigração de latino-americanos para os Estados Unidos. Em um dia como outro qualquer, o estado da Califórnia amanhece sem latinos e seus descendentes. As confusões que o filme retrata com bastante irreverência não deixam, no entanto, que o espectador esqueça a forte temática que a história trata: como viveriam os americanos sem os mexicanos? A estrutura do país sobreviveria sem os imigrantes? Não seria correto contar o final da história, mas pode-se dizer que um verdadeiro caos seria instaurado no país, e certamente a falta dos *cucarachas* seria sentida.

O problema parece surgir a partir de uma certa contradição nas leis de segurança das democracias de hoje. As mesmas leis que permitem a entrada desses indivíduos são aquelas que os vêem com olhos hostis quando percebem que o desejo deles é ficar.

“O jogo desse pêndulo é o que as democracias encontram de melhor para fazer frente aos estrangeiros que têm o temível privilégio de fazer um Estado confrontar-se com o seu outro (outro Estado, mas também fora do Estado, não-Estado...) e, mais ainda, a razão política com a razão moral”<sup>67</sup>.

Os que pensam que o estrangeiro está em um plano diferente, e acreditam, ou até mesmo desejam, que ele seja um *outsider* podem se surpreender. De acordo com Julia Kristeva o estrangeiro estranhamente habita em nós: “*Ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia*”<sup>68</sup>.

A autora questiona se, realmente, vivemos em um mundo em que se deseja conhecer intimamente, e subjetivamente o outro, ou os outros: se tivéssemos a chance será que tentaríamos eliminar o elemento estranho de nosso convívio?<sup>69</sup> Mesmo que isso fosse possível, talvez não resolvesse muitas questões, afinal de contas em algum momento podemos nos reconhecer estrangeiros perante de nós mesmos, em nossa casa, diante da família e na nossa pátria.

---

Entertainment España S.L. / Jose and Friends Inc. Distribuição: Altavista Films / ArtFilms. Duração: 91 minutos. 2004.

<sup>67</sup> Julia KRISTEVA. *Op. Cit.* p. 102.

<sup>68</sup> Idem, *Ibidem.* p. 9.

<sup>69</sup> Cf. Idem, *Ibidem.* Pp. 9-10.

Os exilados frequentemente são confundidos com estrangeiros, imigrantes e trabalhadores que exercem sua profissão em outras terras, entretanto eles carregam consigo algo de específico, e singular. No que diz respeito ao motivo de saída do seu país, assim como na possibilidade de retorno, para os exilados há uma imposição violenta de seus destinos. Como sugere Edward Said, os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais: “*Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições*”<sup>70</sup>. Um imigrante deixa sua terra natal em busca de melhores condições de vida e trabalho, um diplomata exerce um cargo público e está protegido por leis internacionais de segurança. Isso não quer dizer, contudo, que suas trajetórias não sejam conturbadas e complexas, e muito menos devemos diminuir os riscos, e até os perigos, que enfrentam. No entanto, não foram expulsos e excluídos de seus países, e podem retornar se assim desejarem.

## 2.4 Um Sentimento chamado Exílio.

A derrubada de um regime democrático, e a imposição de um governo ditatorial são sentidas não somente por aqueles que resolvem combater essa mudança de uma forma mais direta, a partir de um confronto armado, de jornais, campanhas, denúncias, mas também por todos cidadãos, e até mesmo as crianças. Viver no Brasil era complicado e perigoso inclusive para aqueles que ainda podiam circular livremente pelo país.

“*Meu exílio começou antes de deixar o Brasil*” declarou Francisco Julião ao relatar sua trajetória de militância. Sua ação frente às ligas camponesas o deixou marcado e impotente perante o regime militar. As perseguições que sofreu, antes mesmo dos mais duros anos da ditadura, fizeram Julião perceber que no Brasil sua vida estava praticamente extinta. Sua trajetória de exilado começou ao deixar a Câmara de Deputados e com isso passou a viver na clandestinidade. Percebeu que era o início de uma longa trajetória: “*Quando os militares chegam ao poder, tem que se dar tempo ao tempo*”<sup>71</sup>

Leandro Konder, no período de sua saída do Brasil, não se igualava aos outros exilados:

---

<sup>70</sup> Edward SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 54.

<sup>71</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.* p. 292.

“Minha situação é substancialmente diversa da dos brasileiros que se vêem obrigados a viver no exterior. Posso voltar para o Brasil quando quiser, (...) É verdade que a minha saída do Brasil não foi resultado de uma decisão espontaneamente amadurecida: a experiência de uma semana passada numa prisão, em dezembro de 1970, submetido a interrogatórios nos quais se recorria eventualmente à aplicação de choques elétricos, gerou em mim da noite para o dia a disposição de deixar o país por algum tempo e de passar uns anos num lugar onde eu pudesse estudar e trabalhar com um mínimo de tranqüilidade”<sup>72</sup>.

Mesmo sem ter sua nacionalidade negada e sua entrada no Brasil impedida, trabalhar e viver no território nacional tornou-se algo perigoso, a ponto de por em risco a própria vida. O exílio, no caso do filósofo brasileiro, já era vivido antes mesmo de deixar o país.

O significado da partida de Leandro Konder foi também vivenciado por Regina Bruno. Aparentemente sem nenhuma ação de militância, a universitária acabou vítima dos abusos do exército enquanto tentava completar seus estudos. O pai, médico, foi preso pelo exército acusado de socorrer um paciente ferido em uma ação armada. O caso não passou de um engano, mas mesmo assim não escapou da prisão e da tortura. Regina, estudante da UnB, ficou encarcerada durante um mês em Brasília, e decidiu então partir em uma viagem para a América Latina. Na volta foi novamente abordada pelo governo e teve que prestar depoimento sobre sua viagem. Sentia-se sufocada e sem espaço para respirar. Decidiu ir para Paris com uma bolsa de estudos para seu doutorado, e lá chegou em 1974 com visto e passaporte legalizados<sup>73</sup>.

Anina de Carvalho, que não possuía vínculos com nenhum grupo político, viu-se encurralada por todos os lados pelo governo militar. Devido à sua profissão de advogada e por trabalhos de representação legal de presos políticos, o exército começou a dificultar sua vida e seu trabalho. Percebeu que o cerco se fechava e decidiu sair do Brasil, em 1971, sem os filhos e sem ninguém<sup>74</sup>.

O sentimento da partida de Regina Bruno e Anina de Carvalho não foi reconhecido por elas enquanto um exílio. Como relatou Anina foi apenas uma saída: “*Sai, peguei um avião e sai*”<sup>75</sup>. A mesma sensação de uma partida, e não de uma expulsão, pode ser

---

<sup>72</sup> Idem, *Ibidem*. p. 301.

<sup>73</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 84.

<sup>74</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>75</sup> Idem, *Ibidem*. p. 61.

identificada no caso do lingüista e crítico literário Tzvetan Todorov, que deixou a Bulgária comunista no período em que terminava seus estudos e nunca mais voltou para viver em seu país.

Todorov apresenta-se enquanto um exilado *circunstancial*; nem político, nem econômico:

"Vim para a França em total legalidade, ao final de meus estudos universitários, para passar um ano a fim de 'aperfeiçoar minha educação'; depois, o provisório tornou-se definitivo"<sup>76</sup>.

O autor que se percebe como uma pessoa *deslocada* em três países<sup>77</sup>, apesar de não ter sido expulso de sua pátria, e mesmo se define sua condição inicial de exilado como *circunstancial*, certamente não poderia dizer que escolheu, livre de qualquer elemento externo, morar dezoito anos na França.

Viver *entre mundos*<sup>78</sup> parece ser o destino dos estrangeiros e exilados. É como se reconhecia Edward Said, um palestino que estudou em Londres, lecionou nos Estados Unidos e aparentemente permaneceu sempre errante, *fora do lugar*<sup>79</sup>. Said refletiu sobre sua trajetória, assim como propôs discussões sobre percursos de exilados de outros tempos, e questionou as dificuldades e atributos que suporta aquele que perde a sua pátria.

Se os brasileiros eram reconhecidos ou não como exilados, por si mesmos ou por outros, importava menos diante da realidade que os aguardava. O motivo da saída poderia variar muito, e influenciar suas vivências, mas a *Maldição de Ulisses* não foi sentida apenas por alguns. Os brasileiros que se encontravam em terras estrangeiras compunham um variado grupo, mas mantinham pelo menos uma identidade em comum. Os exilados iniciavam um longo percurso que oferecia muitas facetas.

## 2.5 Exílio e Exilados.

Em nenhum outro período histórico os estrangeiros tiveram tanta participação nos países para onde se transferiram como no século XX, e sua história, de acordo com Said, foi construída e fundamentada por exilados, imigrantes e estrangeiros. O pensamento

<sup>76</sup> Tzvetan TODOROV. *O Homem Desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 15.

<sup>77</sup> Idem, *Ibidem*. p. 28.

<sup>78</sup> Referência ao texto *Entre Mundos*. In: Edward SAID. *Reflexões do Exílio*. *Op. Cit.* Pp. 301-315.

<sup>79</sup> Título de sua autobiografia. Edward SAID. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

intelectual, a produção artística e literária, assim como teorias políticas e econômicas foram, em grande parte, obras das mãos de homens e mulheres que não habitavam sua região de origem<sup>80</sup>. Não é de se estranhar, portanto, o verdadeiro fascínio que a temática do exílio parece causar, e porque eventualmente exilados são vistos como heróis.

Há uma espécie de romantismo criado em torno do exilado, que se expressa em obras literárias e biográficas, nas quais aspectos fantasiosos e *glamourosos* são incluídos, e ofuscam o ser angustiado e solitário que ele, quase sempre, é. O filme *O Carteiro e o Poeta*<sup>81</sup>, dirigido por Michael Radford, ilustra essa admiração que as pessoas desenvolvem pelo poeta no exílio, e o encanto que ele pode transmitir aos habitantes da região em que vive temporariamente. A chegada de Pablo Neruda a uma pequena ilha de pesca no sul da Itália muda os rumos da vida de Mario, um pescador insatisfeito com seu simplório trabalho. O pobre vilarejo sente-se importante por um curto período de tempo ao receber para uns o grande poeta do povo, e para outros, como Mario, o poeta do amor.

*“Por quê procura-se saber mais sobre o poeta no exílio ao em vez de ler a poesia do exílio?”*<sup>82</sup>. Se olhássemos com mais atenção para a obra *do* exílio, ao invés de nos deixarmos levar por narrativas enaltecidas sobre a vida *no* exílio, veríamos que essa não é apenas uma experiência heróica repleta de êxitos e conquistas de glória, mas também uma vivência cercada de angústias e dor. O exílio é uma ruptura, um corte na vida de um indivíduo; *“ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”*<sup>83</sup>.

É importante a contribuição de Said para entendermos as marcas que compõem a identidade dos exilados. Uma aparente ambigüidade pode ser identificada na essência do exílio, pois ao mesmo tempo em que ele significa uma abertura para o mundo, a partir do momento em que se permanece vivo e se desloca, também representa um fechamento em si. Frequentemente isolado ou entre seus iguais, o exilado anda de mãos dadas com a dor e a

<sup>80</sup> Cf. Idem. *Op. Cit.* p. 46.

<sup>81</sup> *O Carteiro e o Poeta*. [Il Postino] Diretor: Michael Radford. Produtores: Mario Cecchi Gori, Vittorio Cecchi Gori e Gaetano Daniele. Roteiristas: Anna Pavignano, Michael Radford, Furio Scarpelli, Giacomo Scarpelli e Massimo Troisi, baseado em livro de Antonio Skármeta. Editores: Roberto Perpignani. Elenco: Massimo Troisi, Philippe Noiret, Maria Grazia Cucinotta. Estúdio: Miramax Films / Blue Dahlia Productions / Cecchi Gori Group Tiger Cinematográfica / Esterno Mediterraneo Film / Penta Films, S.L. Distribuição: MiramaxFilms. Itália. Duração: 104 minutos. 1994

<sup>82</sup> Edward SAID. *Op. Cit.* p. 47. (grifo meu)

<sup>83</sup> Idem, *Ibidem.* p. 46.



solidão. Parceiras, elas complementam a vida no exílio e, para muitos, são as únicas realidades desta vivência.

Os casos de depressão, e até mesmo de loucura, presentes em experiências de exílio, demonstram que os exilados muitas vezes levavam consigo muito mais que apenas a derrota política. Estar vivo em outras terras não excluía o fato de que a liberdade teve um preço caro. Feridas físicas e psicológicas estavam em processo de cura no período que os militantes chegavam ao estrangeiro. Eugênio Caillard, secretário de João Goulart, foi o primeiro caso de suicídio de um exilado brasileiro, logo após o golpe militar<sup>84</sup>. Maria Auxiliadora Lara Barcellos, conhecida como Dora entre os integrantes da esquerda, atirou-se na linha do metrô de Berlim, em maio de 1976<sup>85</sup>. O caso de Frei Tito de Alencar foi um dos mais trágicos exemplos da loucura que a tortura e a vida fora do Brasil podem causar. Frei Tito teve uma frustrada tentativa de suicídio na prisão, ao cortar os pulsos com uma gilete de barbear. Não teve êxito e acordou no Hospital Militar, o que não o impediu de tentar de novo, e, em 1973, ele se enforcou em Lyon na França<sup>86</sup>. Muitas vezes a saída teve o forte teor da derrota, e perceber como vitória a sobrevivência não foi o caso de todos os exilados.

O psicanalista Marcos Viñar foi banido pelo governo militar uruguaio, dedicou-se ao atendimento de exilados no exílio, e ao retornar ao Uruguai continuou seu trabalho e sua pesquisa<sup>87</sup>. Viñar trabalha com o conceito de *ruptura narcísica* para definir o processo que ocorre com o indivíduo no exílio, após a experiência de uma derrota política. Uma pessoa que construiu sua identidade a partir de ações e atuações políticas, e foi enaltecido por esses trabalhos, demora a perceber que no exílio isso tudo desaparece. O exilado não mais se reconhece e não é reconhecido:

“Para o exilado, a ruptura da ancoragem narcísica se faz em um conflito violento, sobretudo para quem outrora tinha um papel reconhecido por ele e pela comunidade. Perde o espelho múltiplo a partir do qual criava e nutria a sua própria imagem, seu personagem. No exílio ninguém o reconhece. Aquele que eu era não existe mais. O personagem está morto, o cenário não é mais o mesmo, os autores tampouco. E nos encontramos ali, sem olhar, sem palavra: comoção e crise radical de identidade. O homem está nu”<sup>88</sup>.

<sup>84</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.* p. 291.

<sup>85</sup> Idem, *Ibidem.* p. 316.

<sup>86</sup> Dossiê Frei Tito de Alencar. In: Frei BETO. *Batismo de Sangue*. Rio de Janeiro: Casa Amarela, 2003.

<sup>87</sup> Ver Marcos VIÑAR e Maren VIÑAR. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.

<sup>88</sup> Citado por Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 27.

Para Denise Rollemberg,

“A ruptura tem a dimensão de um traumatismo, porque o exílio rompe com o movimento que constrói o homem a partir de seus projetos e ilusões, renovado, permanentemente na convivência com outros”<sup>89</sup>.

Estar envolto em angústias, e dificuldades de sobrevivência são componentes da vida de um exilado, o que não significa que outros elementos não possam constituir esta experiência. O exílio, como definem Ana Vasquez e Ana Maria Araujo, apresenta uma dupla face, uma marcante ambigüidade que aparentemente é o que o define e o constitui<sup>90</sup>. Assim como é recorrente mostrar os exilados como bravos e destemidos, é freqüente também o erro de perceber o exílio como um lugar de negação da vida. As dificuldades que enfrenta um exilado não são, contudo, sua ruína ou sua sentença. O mesmo Said que afirma ser impossível superar completamente a tristeza do exílio<sup>91</sup>, também é capaz de identificar como “*prazer do exílio*” a possibilidade de ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira: “*Os exilados têm consciência de dimensões culturais plurais e simultâneas, enquanto a maioria das pessoas possui somente consciência de uma cultura, um cenário, um país*”<sup>92</sup>. Desde que o exilado recuse ficar à margem, afagando uma ferida, e alimentando um ressentimento, verá que há muito que aprender<sup>93</sup>.

A análise Tzvetan Todorov encontra-se no mesmo plano da perspectiva de Said. Para Todorov o caminho para a vida do exilado não é o de negar a sua condição, ou deixar de enfrentar o processo de desenraizamento e da perda daquilo que é seu - a pátria - mas sim de saber que desenraizamento e perdas podem ser até, em certa medida, superados<sup>94</sup>:

“O homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país, sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não mais confundir o real com o imaginário, nem a cultura com a natureza; não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos. Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido do desprezo ou da

<sup>89</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 25.

<sup>90</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Ana Maria ARAUJO. *Op. Cit.* p. 11.

<sup>91</sup> Citação da página 25. Edward SAID. *Op. Cit.*

<sup>92</sup> Idem. *Op. Cit.* p.59.

<sup>93</sup> Cf. Idem, *Ibidem.* p. 57.

<sup>94</sup> Cf. Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.* p. 27.

hostilidade dos anfitriões. Mas, se consegue superá-lo, descobre a curiosidade e aprende a tolerância”<sup>95</sup>.

A vivência do exílio recebe outra leitura a partir do momento que o exilado percebe que é justamente esta experiência que o permite viver. Já que permanecer em seu país é impossível, em outros lugares a vida ganha um novo sentido. Poderia significar uma possibilidade de vitória contra a repressão segundo a avaliação de Anina de Carvalho. Anina escreveu, na França, trabalhos importantes de denúncia contra a ditadura militar, e publicou artigos em jornais, o que lhe custou a guarda dos filhos<sup>96</sup>. Mesmo que o exilado, segundo Said, esteja sempre à procura daquilo que não pode ter mais, a pátria<sup>97</sup>, ele pode restabelecer vínculos e cultivar novas raízes. Pode igualmente encontrar seu caminho e se adaptar a este estilo de vida ao transformar as *raízes em radares*<sup>98</sup>.

## 2.6

### “Raízes: para que as quero se tenho asas para voar?”<sup>99</sup>

Uma certa liberdade parece envolver a vida de estrangeiros e exilados quando por muito tempo permanecem fora de sua terra natal. Uma vida distante do seu país, e longe dos vínculos sociais que nos cercam e nos definem, pode ser extremamente libertadora. Laços familiares e relações pessoais são capazes de nos aprisionar a um padrão de comportamento. Muitos experimentam o dever de agir da forma que deles esperam os mais próximos e da maneira que foram educados. Seremos sempre cobrados por alguém e, em certa medida, temos que dar um mínimo de explicação para aqueles que nos cercam.

Nos anos vinte, Paris foi presenteada por uma enorme imigração de artistas e intelectuais, e transformava-se na capital mundial da arte e da cultura. *Os anos loucos*<sup>100</sup>, como define William Wiser, divididos entre a desilusão e a euforia em meio aos destroços da Primeira Guerra Mundial, encontraram uma Europa em fase de recomposição, que serviu como inspiração para grandes obras clássicas que fazem parte da cultura ocidental.

<sup>95</sup> Idem, *Ibidem. Op. Cit.*, p. 27.

<sup>96</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.*, p. 65.

<sup>97</sup> Cf. Edward SAID. *Op. Cit.*

<sup>98</sup> Referência à expressão de Thiago de Oliveira que deu origem ao título do livro de Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.*

<sup>99</sup> Referência à frase de Frida Kahlo escrita em seu diário: “*Pies para que los quiero si tengo alas pa volar*”. Cf. Andrea KETTENMANN. *Frida Kahlo (1907-1954). Dor e Paixão*. São Paulo: Paisagem, p. 90.

<sup>100</sup> William WISER. *Os anos loucos. Paris na década de 20*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

Por estarem fora de casa, e recém-saídos de uma guerra, artistas como Pablo Picasso, Gertrude Stein, T.S. Eliot, Cole Porter, Scott Fitzgerald, entre muitos outros, puderam desfrutar de um ambiente propício para a criação de novas referências artísticas, como poucos vistos até então. Wisner destaca o clima de liberdade que envolvia a cidade luz, como se as regras do jogo fossem reelaboradas, e os jogadores tivessem a possibilidade de se reinventarem em um tempo em que era possível ser o que quisesse<sup>101</sup>.

Classificadas por Denise Rollemberg como parte da “*cultura exilada*”<sup>102</sup> estão as atividades que os brasileiros produziram no exílio, e podem variar desde sessões de discussão, seminários e palestras políticas, ações feministas até trabalhos com crianças. Concentrados em sua grande maioria em Paris, no que a autora define como a capital da segunda fase do exílio, os brasileiros se organizaram e realizaram atividades que certamente não poderiam ser feitas no Brasil. Além de artigos e estudos publicados, encontros de discussão tiveram um destaque entre os exilados, com ênfase no *Círculo de Mulheres Brasileiras*.

Criado em 1976 pelas brasileiras exiladas em Paris, o *Círculo*, como ficou conhecido, teve um papel fundamental na formação política, e humana, dessas mulheres, e funcionou como uma espécie de “*terapia psicanalítica de grupo*”<sup>103</sup>. Assuntos que faziam parte do cotidiano de suas vidas no exílio eram abordados e discutidos abertamente. Regina Bruno, que era atuante no movimento feminista francês e fez parte do Círculo de Mulheres, destaca a importância de estar fora dos padrões da sociedade da qual fizeram parte: “*Construímos isso na França, porque estávamos desenraizadas de papéis, de status, de valores*”. “*Se o Chile teve uma dimensão histórica, o Círculo foi uma abertura em relação ao mundo, ao individual*”<sup>104</sup>, definiu Glória Ferreira, também exilada e atuante no movimento feminista desde o Chile<sup>105</sup>.

Os exilados libertavam-se de rótulos e regras que o lugar de origem lhes impunha. A relação com a língua estrangeira, por exemplo, é uma das primeiras sensações, ao mesmo

<sup>101</sup> Cf. Idem, *Ibidem*.

<sup>102</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* Capítulo. 7 Pulando em uma perna só: a cultura exilada. Pp. 207 a 228.

<sup>103</sup> Idem. *Op. Cit.* p. 216.

<sup>104</sup> Idem, *Ibidem*. p. 215. (grifo da autora)

<sup>105</sup> Já no Chile ocorreu uma organização política das mulheres, mas com um diferencial. As discussões tiveram na América Latina um teor mais institucional e menos individual, como ocorrera com o movimento feminista na Europa. Ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 213.

tempo de limitação e de liberdade que aquele que está fora da pátria experimenta, de acordo com Julia Kristeva:

“Privado das rédeas da língua materna, o estrangeiro que aprende uma nova língua é capaz de cometer as mais imprevisíveis audácias: tanto no terreno do intelecto, quanto do obsceno. Essa pessoa que, na língua materna, mal ousava falar em público e expressava conceitos de um modo confuso, no outro idioma expressa-se como um interlocutor intrépido”<sup>106</sup>.

Diante da realidade da derrota de um projeto político, novos horizontes começavam a abrir-se, e territórios distintos eram explorados.

Devemos ressaltar, contudo, que apesar de muitos terem tido uma experiência marcada por novas descobertas, e o exílio ter sido um período enriquecedor, nem sempre o processo de desenraizamento e de adaptação ao estrangeiro foram gratos. Ana Vasquez e Gabriela Richard percebem três etapas na experiência do exílio das décadas de 1960 e 1970. Primeiro o exilado vivia em guetos com seus conterrâneos, sem manter relações com ninguém que não fizesse parte dessa comunidade<sup>107</sup>. A realidade do exílio, no entanto, começa a ser prolongada e o exilado precisa sair do gueto em busca de meios para sobreviver. A partir daí pode iniciar-se uma fase de integração com o país de acolhida e começam a serem construídos vínculos<sup>108</sup>. Pode ocorrer um problema de adaptação se o indivíduo não consegue ultrapassar a primeira fase, e sonha constantemente com o retorno ao lar.

Para aqueles que não se limitavam a sonhar com a volta a pátria, mas que encontraram seu lugar nos países de exílio, a integração e a formação de vínculos foram etapas a serem ultrapassadas. Se direcionarmos o foco para as crianças, veremos que em alguns casos essas fases não estiveram presentes em suas experiências, especialmente para os que nasceram no exílio, e não tinham outro país para chamar de seu. Edward Said

---

<sup>106</sup> Julia KRISTEVA. *Op. Cit.* p. 38.

<sup>107</sup> As autoras destacam uma particularidade do exílio do Cone-Sul. Diferentemente de outros casos históricos, a enorme quantidade de exilados que as ditaduras militares produziram, especialmente a partir do golpe chileno, fez com que pela primeira vez pudesse ser vista a formação de *comunidades de exilados*. Cf. Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. *Op. Cit.*

<sup>108</sup> Idem, *Ibidem*, p. 7.

destaca uma particularidade do exílio e afirma que “*no fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece*”<sup>109</sup>.

A reflexão de Said é reforçada e acrescida pela declaração do filho de militantes Joca Grabois: “*Uma vez que você nasce nesse meio, você tem que adaptar. Essa é a sua vida*”<sup>110</sup>. Essas crianças começavam suas trajetórias em meio a ações políticas, e essa era a única realidade que conheciam. Mas se como afirma Said, mesmo que haja diferentes interpretações sobre os casos de exílio, a experiência não é fruto de uma escolha, de que forma podemos interpretar os casos em que a falta de escolha aparece duplamente presente? Já que seguir o caminho dos pais é próprio de todas as crianças, que destino terá uma criança uma vez que este caminho é o exílio?

É interessante pensar o que a experiência de viver em diferentes países, conviver com povos e idiomas distintos, absorver culturas e costumes diversos pode gerar para uma criança e um adolescente. Não seria prudente atribuir este estilo de vida errante e nômade exclusivamente aos exilados e seus filhos. Ele ocorre igualmente no caso de filhos de diplomatas que são obrigados a mudar de país sempre que seus pais assumem novos cargos, ou filhos de militares ou até mesmo crianças imigrantes.

Em todas essas situações, os viajantes levam consigo em suas bagagens memórias de um lar que, em algum momento, foi deixado para trás. O processo de desenraizamento parece começar desde o início da experiência. São rompidos vínculos familiares e laços afetivos com o que antes era reconhecido como seu. Uma série de contradições opõe alegrias a tristezas, ganhos a perdas e essas contradições aparentemente constituem um traço da identidade dos que vivem distantes de sua terra natal.

É importante perceber, contudo, que o processo de desenraizamento não diz respeito somente aos adultos, e pode ser identificado igualmente em seus filhos. Frequentemente atribuem-se mais aspectos negativos do que positivos a este processo, o que pode ser até verdade, mas é fundamental perceber que podem ser extraídos benefícios dessas experiências.

O resultado da experiência do exílio foi, para muitas crianças, a absorção e apreensão de distintas referências culturais. Os diferentes idiomas, oportunidades de

---

<sup>109</sup> Edward SAID. *Op. Cit.* p.57.

<sup>110</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

viagens e de estudo em países desenvolvidos não foram, em todos os casos, referências de um processo desequilibrador, mas sim parte de suas trajetórias<sup>111</sup>.

## 2.7 As Gerações do Exílio.

O diretor argentino Fernando Solanas exibiu diversos retratos de exilados, e as peculiares situações que esses personagens enfrentam, no filme *Tangos: Exílio de Gardel*<sup>112</sup>, elaborado na época em que o diretor encontrava-se no exílio na França. Solanas afirmou nunca ter se adaptado bem ao estrangeiro, e decidiu voltar em 1983 para a Argentina. Sua luta política teve continuidade em seu país, elegeu-se senador e manteve-se no combate contra a política neoliberal que dominou os países latinos americanos a partir dos anos oitenta<sup>113</sup>. Parte de sua trajetória, e da experiência de outros exilados, seus conterrâneos, é partilhada com o espectador, que apreende algumas das ambigüidades de uma vida longe do lar e distante da pátria.

No filme, o diretor mostra as diferentes faces do exílio, umas mais amargas e outras mais doces. Um dos retratos apresentados é o da difícil adaptação dos adultos argentinos em Paris, e a integração mais fácil e rápida de seus filhos à vida no estrangeiro. O conflito de gerações que o filme expõe pode ser emblemático para compreender porque alguns filhos de exilados retornaram para os países que eram tidos como lugar de exílio por seus pais. Esta situação é apresentada com mais ênfase através da convivência dos personagens da jovem *Mariana* e sua mãe. A dificuldade em superar a perda do marido, morto pela repressão, não permite que a mãe se adapte ao exílio, imersa em uma nostalgia pela Argentina, percebida no filme através da relação com o gênero musical mais típico de seu país, o tango. Ao contrário da filha que faz amigos, estuda, consegue se divertir e viver, a mãe experimenta apenas a dor e a saudade. Na época da Anistia, Mariana fica em Paris e a mãe volta para a Argentina.

<sup>111</sup> Cf. Anne Marie GAILLARD. *La fin d'un exil? Les cas des exiles chiliens en France*. Paris: UFRS CIS, Departement de Sciences Sociales, 1990.

<sup>112</sup> *Tangos: Exílio de Gardel*. [El exílio de Gardel (Tangos)]. Diretor: Fernando Solanas. Produtores: Fernando Solanas e Envar El Kadri. Elenco: Miguel Angel Solá, Lataro Murúa, Ana Maria Picchio. Distribuição: Centre National de la Cinématographie (CNC)/ Cinesur (Envar El Kadri)/ INCMinistère de la Culture de la Republique Française/ Tercine. Duração: 121 minutos. Buenos Aires/Paris, 1985.

<sup>113</sup> *Guia de Cinema Latino-Americano*. Editora Abril. São Paulo: 1989. p. 70.

Gertrude Stein já havia dito: “*América é a minha pátria, mas Paris é o meu lar*”<sup>114</sup>. O que determina nossa nacionalidade é, na maioria dos casos, o lugar onde nascemos, mas o que reconhecemos enquanto lar pode ser outro lugar, e até mesmo estar sujeito a mudanças. No período da Anistia, a partir de 1979, a movimentação entre os brasileiros para retornar ao Brasil começava. O que durante muito tempo foi aguardado e desejado por seus pais, para Flávia Castro representava uma situação de descontentamento, e ela temia ter que deixar Paris: “*Ninguém se preocupou em saber se nós, que tínhamos no exílio nossa primeira pátria, também queríamos voltar*”<sup>115</sup>. Flávia parece expressar a mesma situação da personagem *Mariana* do filme de Solanas, mas com uma diferença fundamental: sua idade na época do retorno não permitiu que fizesse a mesma escolha, e a adolescente de quatorze não pôde ficar na França. Na volta para o Brasil, foi presenciada a dificuldade de integração de seu pai ao próprio país, uma experiência que ela também viveu na própria pele. Uma vez que não conseguiu se adaptar, aos 25 anos retornou ao lugar que considerava seu lar, e declara estar até hoje entre dois mundos<sup>116</sup>.

O retorno, ou, no caso dos que nasceram no exílio, a ida para o Brasil, não foi bem assimilado em certos casos pelas crianças brasileiras e o processo de adaptação a uma realidade que não era a sua fez do Brasil um outro exílio.

Ana Vasquez explora esse assunto com meninos do Cone-Sul e verifica que não são poucos casos que ilustram o sentimento de Flávia em relação ao Brasil. No final do exílio as crianças que chegaram pequenas às terras estrangeiras já estavam crescidas, e construíram suas identidades a partir dos valores dos países que habitavam. Para os filhos do exílio, vigorava um sentimento de dilema cultural: escolher a cultura do exílio ou do país do qual foram expulsos e que quase não conheciam?<sup>117</sup>

Assim como Flávia, Thiago de Oliveira permaneceu oscilante entre o Brasil e a França. Thiago, nascido em Paris em 1973, veio para o Brasil após a anistia, mas só esteve aqui por um ano. Segundo ele, seu pai não se readaptou a um país que tinha se tornado estranho: “*Não conseguia mais se relacionar com seus amigos. Perdeu as referências.*

<sup>114</sup> William WISER. *Op. Cit.* p. 47.

<sup>115</sup> Maria Cristina FERNANDES. Filhos do Exílio. *Época*. São Paulo, 14 jun. 1999. Pp. 46-53.

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem*. p. 51.

<sup>117</sup> Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 38.



*Naquele ano, conversou mais sobre Marx comigo do que durante todo o exílio*<sup>118</sup>. Pai e filho voltaram para a França, e Thiago permaneceu lá até completar dezoito anos: “*Na França, eu era brasileiro. No Brasil, sou francês*”<sup>119</sup>.

Essa dualidade de identidade que Thiago expressa não se apresenta com muita frequência entre os militantes brasileiros. Mesmo os estudantes e os que iniciavam a vida profissional eram adultos e tinham uma identidade mais fundamentada. Enquanto os exilados passavam pelo processo de rupturas e redefinições, seus filhos construíam suas identidades e também passavam por descobertas individuais. O exílio teve um significado, e foi percebido, de forma diferente, portanto, para os que foram expulsos e para os que saíram do Brasil por conta desta expulsão. Podemos identificar, desta forma, outras duas gerações na experiência do exílio brasileiro: a dos pais militantes e de seus filhos.

Para a geração que atuou na luta contra o sistema político então vigente o exílio foi uma fase de descobertas, e de reavaliações de suas causas ideológicas. Uma vez derrotado, o quadro da esquerda sofreu transformações e passou a olhar para temáticas que até então eram ignoradas e menosprezadas. A mudança em seus destinos causou, em certos casos, também a mudança em suas convicções. O exílio levou os brasileiros a entrarem em contato com diferentes tendências políticas, a passagem por diversos países permitiu, por vezes, a percepção de que havia outras discussões políticas além daquelas que definiam seu lugar ideológico na luta política<sup>120</sup>. Seus *horizontes de expectativas* podiam estar, a partir da experiência do exílio, em contradição com seu *campo de experiência*.

As duas categorias desenvolvidas por Reinhart Koselleck, “*espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativa*”, apontam a relação entre, por um lado, memória e experiência e, por outro, esperança e expectativa. Koselleck demonstra como as experiências do passado servem para conduzir os atos humanos no presente. Conceitua esse passado no presente como o espaço de experiência, complementar, na experiência histórica coletiva, ao futuro no presente que constitui o horizonte de expectativa<sup>121</sup>. É possível verificar que ao menos entre alguns dos exilados brasileiros o horizonte de expectativa traduzido nas causas e lutas políticas que motivaram o exílio já não correspondia mais ao campo de experiência

<sup>118</sup> Maria Cristina FERNANDES. Filhos do Exílio. *Época*. São Paulo, 14 jun. 1999. Pp. 46-53.

<sup>119</sup> Idem, *Ibidem*. p. 50.

<sup>120</sup> Cf. Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.*

<sup>121</sup> Reinhart KOSELLECK. *Op. Cit.*

que os exilados viviam. Acredito ser esta a consequência mais significativa do exílio brasileiro, e também sua maior riqueza.

Visto em primeiro plano como uma derrota, da experiência renasce a possibilidade de vida e de atuação. Por mais devastador que fosse não atingir o horizonte de expectativa, que consistia na derrubada do governo militar, muitos exilados perceberam diante do novo campo de experiência que havia outras formas de conseguir isso, e utilizaram o exílio como um período de enriquecimento pessoal. Não no sentido egoísta que isso possa ser interpretado, mas como uma ferramenta para aprimorar uma formação política que foi interrompida no Brasil. Os estudos realizados, os artigos escritos, as discussões, reuniões e debates de grupo, e também o confronto de idéias serviu para boa parte como um aglutinador de forças, e uma escola política.

Não foi somente o campo de experiência que se modificou. Com os novos elementos que ele trouxe outros horizontes de expectativas surgiram. O fim da ditadura era o desejo de todos, mas agora era importante também atuar no movimento feminista, discutir o homossexualismo, cuidar dos filhos, reconstituir carreiras interrompidas, formar movimentos sociais, entre muitos outros projetos que foram pensados e elaborados ao longo do exílio.

Para a geração dos filhos de exilados não cabe pensar em horizonte de expectativa se não havia atuação política prévia ao exílio em suas trajetórias. No que diz respeito à vida no exílio, seus cotidianos deveriam ser preenchidos, como os de todas as crianças, pela escola, brincadeiras com amigos, vida familiar e lazer. No entanto, os filhos de exilados não eram crianças comuns porque seus pais não tinham vidas *normais*, como expressou Priscila Arantes<sup>122</sup>. Estavam em circunstâncias muito especiais no estrangeiro, não estavam a passeio, como percebeu Ernesto de Carvalho a partir do golpe do Chile<sup>123</sup>, nem se encontravam provisoriamente distantes do Brasil, como se deu conta PR<sup>124</sup>. Alguns passaram a infância, outros a adolescência, e muitos viveram essas duas idades da vida fora do Brasil, além dos que nasceram na época de exílio dos pais.

No capítulo 3 será explorada a vida das crianças no exílio e que relação tiveram com essa experiência. Da mesma forma é objeto de investigação que tipo de vínculo foi

---

<sup>122</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

<sup>123</sup> Idem, Ibidem.

<sup>124</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

desenvolvido com o Brasil durante e depois do exílio, e como se sucedeu o segundo período de adaptação em suas trajetórias, na ocasião em que foram morar no país. Como suporte para a análise de seus depoimentos está a discussão da relação entre memória e história, somada ao tema do uso de entrevistas e relatos orais na produção das Ciências Sociais.